

O ensino secundário na Província de São Paulo e os Capuchinhos franceses (1854-1979)

Patrícia Carla de Melo Martins*

Resumo: A presente exposição tem como propósito discutir os aspectos do catolicismo da Província de São Paulo, que se organizaram por intermédio do Seminário Episcopal criado em 1856. Discussão esta que perpassa o sistema educativo adotado e pela aplicação de uma Filosofia Teológica produzida na França no final do século XVIII. O Seminário compactuou com a primeira fase de um desenvolvimento intelectual brasileiro em que a elite política passa a ser configurada por intermédio dos cursos profissionalizantes, entrando em contato com os conteúdos eruditos desenvolvidos na Europa e reinterpretados dentro da realidade brasileira.

Palavras-chaves: monarquia – educação - catolicismo.

Abstract: The present exposition has as intention to argue the aspects of the catholicism in the province of São Paulo, that if they had organized for intermediary of the Episcopal Seminary created in 1856. Discussion this that go beyond the adopted educative system and for the application of a produced Theological Philosophy in France in the end of century XVIII. The Seminary supported the first phase of a Brazilian intellectual development where the elite politics passes to be configured by intermediary of the professionalizing courses, entering in contact with the developed in the Europe and re-interpreted erudite contents inside of the Brazilian reality.

Keywords: monarchy - education - catholicism

O Seminário Episcopal de São Paulo foi fundado em 1856, durante o episcopado do bispo dom Antônio Joaquim de Melo. Dom Antônio Joaquim de Melo é considerado o precursor da reforma católica do século XIX que marcou a passagem do catolicismo iluminista, desenvolvido no período pombalino para o catolicismo ultramontano, orientado pelos pronunciamentos do Vaticano liderado por Pio IX (WERNET, 1987). O ultramontanismo foi considerado durante o século XIX um dos movimentos europeus mais marcantes da Europa contra as mudanças de ordem política que emergiam. O ultramontanismo reunia intelectuais de diferentes facções sócio-culturais que se organizaram diante da emersão do Estado Moderno Contemporâneo democrático; teólogos, filósofos e literatos se reuniram em torno do pensamento sistematizado pela hierarquia católica romana, representada por Pio IX, um dos maiores representantes deste pensamento conservador.

* Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP, com a pesquisa intitulada *Seminário Episcopal de São Paulo e o Paradigma conservador dos intelectuais paulistas*. Pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Fernando Torres Londoño e financiada pela CAPES, entre os anos de 2002 e 2006.

A criação do Seminário Episcopal de São Paulo atendeu interesses políticos da monarquia de Pedro II, que se volta para o discurso católico como forma de fortalecer sua política absolutista; interesses locais da Província de São Paulo, atrelada aos grupos de direita que não via vantagens na abertura democrática dentro do país; aos interesses do Vaticano que queria garantir a presença do discurso hierárquico romano dentro da formação das nações latino americanas que se configuraram junto ao processo de emancipação política; e também, aos interesses da Ordem dos Capuchinhos Franceses de Savóia, que vieram para administrar o estabelecimento de ensino, e conseqüentemente difundir os valores franceses.

O Seminário Episcopal de São Paulo dividia-se em duas categorias de ensino condizentes às exigências educacionais da época: Seminário Menor dedicado ao ensino fundamental e secundário e Seminário Maior, dedicado a formação sacerdotal. No momento da abertura, em 1856, o Seminário contou com vinte e três alunos matriculados, dos quais quatorze saíram padres. A maior ala das suas acomodações físicas ficou reservada ao ensino elementar e a menor a formação de padres seculares.

O prédio onde se reuniam as atividades educativas do Seminário, ministradas em regime de internato, foi estrategicamente construído do bairro da Luz, onde já se concentrava, desde o século XVIII várias casas religiosas, inclusive o Convento da Luz, fundado por Frei Galvão. A localização da estrutura física tinha posição estratégica em relação ao desenvolvimento econômico da cidade de São Paulo. O bairro da Luz era cortado pela antiga estrada do Guaré, por onde entravam os fazendeiros para fazer suas negociações, na primeira metade do século XIX, associada a cana-de-açúcar e ao comércio de mulas para cargas, e durante a segunda metade do século, associada a expansão do economia cafeeira. A estrada que cortava o bairro e dava acesso ao centro da cidade passava na frente o Seminário. Posteriormente a mesma estrada¹ passava ao lado da estação da Luz, primeira estação ferroviária do Brasil construída para atender a demanda do desenvolvimento econômico dos cafeicultores, inaugurada na década de 1870. O Seminário e a Estação da Luz ficavam um de frente para o outro.

A ausência de escolas públicas ou particulares que atendessem à demanda da sociedade que começa a privilegiar a instrução como elemento imprescindível para a ascensão social mais as determinações legais quanto à obrigatoriedade do ensino, foram também, fatores que colaboraram com o desenvolvimento do Seminário Menor (WEREBE, 1985: 373). De acordo com Maria Luiza Marcílio o Inspetor Geral da Instrução Pública de São Paulo teria decretado em 1855 a obrigatoriedade do ensino na Província, impondo ameaça de

¹ Atual avenida Tiradentes.

multas aos pais omissos (MARCÍLIO, 2005:49). O Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, foi a escola mais destacada no Brasil quanto à aplicação do ensino elementar e secundário (HAIDAR, 1979). Criado em 1837, nas adaptações do antigo Seminário São Joaquim, o Imperial Colégio Pedro II era insuficiente para atender à demanda de alunos que almejavam o ensino superior na região sudeste, em plena expansão social e econômica (MARCÍLIO, 2005:46-49).

Com isto, o Seminário Menor de São Paulo, veio colaborar com a difusão do ensino secundário da província. Antes da fundação do Seminário, os Cursos Anexos à Faculdade de Direito, que correspondiam ao ensino secundário, eram os mais requisitados em São Paulo (SANTOS, 2005: 67-68). Tendo o Seminário se dedicado ao ensino fundamental e secundário, a Província recebeu pela primeira vez, uma estrutura adequada à difusão da educação básica que poderia levar ao ensino superior em qualquer outra área. As disciplinas ali oferecidas compactuavam com a orientação humanística e ilustrada assumida pela corte portuguesa desde o final do século XVIII. Os conteúdos ministrados nos cursos preparatórios eram condizentes com o projeto educacional da corte para a formação da elite política imperial, idealizado ainda no período joanino, e colocado em prática pelos seus sucessores (CARVALHO, 1980).

Na grade curricular dos alunos do Colégio dedicado ao ensino secundário, constavam as disciplinas de Filosofia, Direito Civil, Direito Canônico, História Sagrada, História Profana, Retórica, Geografia, Gramática Latina e Portuguesa, Música e Canto Gregoriano, Arte Sacra e Ciências (POLIANTÉIA, 1906:7-12). Essas disciplinas indicam a relação do sistema de ensino vigente com o *Ratio Studiorum* dos Jesuítas, que havia sofrido adaptações em 1832, para ser novamente implantado junto aos estabelecimentos de ensino administrado pelas ordens e congregações religiosas católicas (FRANÇA, 1952:42-48).

O fator financeiro foi outro ponto que perpassou o ensino do Seminário Menor. Dentro do contexto da época, marcado pelo surgimento de novas profissões, a carreira sacerdotal foi colocada entre tantas outras. A magistratura, a engenharia, a medicina, o curso de farmácia, de química e outros se tornaram atrativos aos novos grupos em ascensão. O Seminário Menor organizava-se como preparatório para ingressar em qualquer curso superior ou técnico, o que lhe garantiu sempre um maior número de alunos, susceptíveis a carreira sacerdotal. Tratando-se de uma instituição de ensino particular, que em parte dependia das mensalidades cobradas para a existência material e pedagógica, o Seminário Menor fornecia garantias ao Seminário Maior, onde estava sendo aplicada a base para a execução da reforma que fora projetado pelo bispo dom Antônio. Isso se comprova pelo fato de o Seminário Menor

ter sido desmembrado do Seminário Maior somente nos primeiros anos da República, em 1908, quando já havia um contexto suficientemente satisfatório para a manutenção de um Seminário Maior autônomo.

O desenvolvimento educacional do Seminário resultou na atividade conjugada do bispo, do reitor e do corpo docente. Dentro dos princípios de hierarquia católica, os reitores e professores estariam subordinados à autoridade do bispo, que, por sua vez, estava subordinado à autoridade do papa.

O primeiro corpo docente do Seminário era eminentemente formado por padres capuchinhos. A Poliantéia comemorativa dos seus cinquenta apresenta de maneira pormenorizada os traços da personalidade ou caráter dos professores que assumiram as disciplinas. O Reitor, frei Eugênio de Rumilly, o vice Reitor, frei Firmino de Centelhas, e o professor de Álgebra Geometria e Física, frei Germano de Annecy, todos capuchinhos, formavam os pilares educacional e pedagógico. O reitor e vice-reitor foram os primeiros que vieram da França para ao Brasil. Por intermédio da exposição da biografia dos capuchinhos, que evidencia o discurso construído em torno destes freis são evidenciam-se os traços do comportamento que deveria ser implantado sob os alunos.

Os textos são permeados pelo patriotismo francês, o que valoriza a cultura francesa transmitida na educação. Evidencia o envolvimento destes clérigos com as autoridades políticas da cidade, o que lhes inculcia também o caráter de autoridade. Para expor a qualidade política do reitor, valoriza-se a descrição física e a qualidade de orador. Frei Eugênio é apresentado como um sujeito de estatura abaixo da mediana, magro, um tanto encurvado, de fronte larga e saliência temporal, ficando posteriormente completamente calvo, rosto emagrecido, coberto de longas barbas grisalhas, olhos vivos e profundos, nariz aquilino, lábios finos e rubros, com suaves pregas nos cantos a simular um leve sorriso. Como bom orador, conquistou seu renome fora da cadeira de mestre e administração da casa, utilizando o púlpito para pronunciar seus discursos; sua fala era dotada pelas qualidades da clareza de exposição, comunicabilidade e conhecimento. Com a voz branda, amenizava a dureza de certas consoantes e sílabas; tinha gesticulação sóbria e modulação da voz que acompanhava a natureza da idéia e do sentimento que anunciava. Sua figura de asceta e suas vestes de frade aumentavam-lhe o prestígio (POLIANTÉIA, 1906:7).

Dentro das instituições totais, os reitores ou aqueles que simbolizam a autoridade máxima eram sempre apresentados como seres dotados de serenidade, com discernimento, que amenizam conflitos, seres amáveis que despertam a confiança dos alunos, espécies de juízes que aparentemente estariam sempre do lado dos alunos. Com isso, garantiam-se aos

educandos a figura de um pai generoso, que aprovava e estimulava o desenvolvimento daqueles que integravam a instituição. Em geral, o reitor era uma figura que aparecia somente em situações excepcionais, como nos dias de festejos das datas comemorativas, nas avaliações gerais e em outras atividades em que o aluno, querendo garantir o carisma deste ser ‘santificado’, acabava se esforçando para não decepcioná-lo, sendo um fator de incentivo.

O vice-reitor, frei Firmino de Centelhas, também é apresentado dentro da mesma sequência de informações, contudo, com as características mais voltadas para a sua função, que o colocava mais próximo dos alunos. Em comparação com o primeiro, é apresentado como uma figura mais enérgica e temida. “Durante a sua carreira foi estudante de medicina e militante do exército carlista, antes de professar na Ordem Capuchinha. Dotado de uma erudição extraordinária conhecia e falava bem latim, francês, inglês, italiano, espanhol e português.” (POLIANTÉIA, 1906:7) Sua foto na Poliantéia aparece em tamanho maior, destacada das demais. Frei Firmino permaneceu no Seminário até a saída dos capuchinhos; publicou dois livros no Brasil destinado às aulas dos ordinandos do Seminário, um intitulado *Compêndio de Filosofia Católico Filosófico*, publicado em 1864 e outro intitulado *Sermões*, em 1867.

Frei Germano de Annecy, professor de Geometria, Álgebra e Física, destacou-se como conhecedor de Astronomia, Botânica e Mineralogia; construiu vários gnomos no Brasil e na França. Teria recusado para permanecer no Seminário, o convite de dom Pedro II para dirigir o observatório de astronomia do Rio de Janeiro. Frei Annecy deixou vários artigos sobre astronomia publicados no jornal *Província de São Paulo*. Acometido pelo beribéri, faleceu no porto da Bahia no retorno para Europa.

A biografia de frei Germano servia como modelo de vida para os alunos: nascido no seio de uma família simples e muito cristã da Savóia, quando jovem entrou para a ordem de São Francisco de Assis, para garantir sombra, hábito modesto, e a solidão. “Foi tudo quanto esmolou da sociedade até a morte, porque os maiores ambiciosos são os que menos conhecem as ambições vulgares. Outra era a sua ambição.” (POLIANTÉIA, 1906:12). Sua virtude era o amor a Deus e à natureza. Os Alpes, local onde nasceu, era considerado sagrado, inspiração de sua religiosidade, “Frei Germano conservou até a morte intactos e ardentes esses dois amores, o amor de Deus e o amor da natureza. Seu coração pertencia a virtude, sua cabeça a ciência.” (POLINATEIA, 1906:12) Iniciou o estudo de geologia na França e fundou laboratório de astronomia na França, no Uruguai e no Brasil. Sua personalidade de intelectual era evidenciada na aparência, na forma como se vestia, sempre com hábito desbotado e cabelo em completo desalinho; quase não notava a presença daqueles que estavam ao seu redor.

Salienta-se que era um homem que preferia o diálogo com as plantas ao diálogo com o seu semelhante. Frei Germano deixava claro que a religião e o burel não são inimigos da ciência, sendo a cultura francesa um exemplo de união entre religião e ciência, tal como vinha sendo proposto no papado de Pio IX. Este discurso produzido em torno da imagem de frei Annecy minimizava a crítica de que o catolicismo estava apartado dos conhecimentos científicos que se desenvolviam em torno da matemática e da biologia. De acordo com Arroyo, depois de exercer suas atividades por 25 anos no Seminário Episcopal, frei Annecy seguiu para Franca, em 1882, onde também instalou um pequeno observatório e um gnomon, e colaborou com os Irmãos Maristas na fundação de um Colégio Masculino. Depois de Franca, morou em Uberaba, atuando sempre como educador (ARROYO, 1966:230-234).

O professor de inglês, retórica e música, frei Generoso de Rumilly, era irmão do reitor. Foi soldado da cavalaria do exército francês. A música era o que mais lhe destacava, retirou-se do Seminário em 1877, para secularizar-se. O professor de Filosofia era frei Teodoro de Moïe, perseguido durante a revolução francesa é apresentado como sujeito de aparência jovem, reservado socialmente e expansivo na intimidade dos amigos; era quem melhor falava a língua portuguesa. Depois do afastamento dos capuchinhos, voltou para o Convento de Chambery. O professor de Latim, frei Justo de Moïe, era irmão do precedente, também voltou para Europa falecendo na Áustria.

O cargo de Mordomo foi entregue a frei Gonçalves de Centelhas, irmão do frei Firmino, vice-reitor do Seminário considerado o ministro da casa. A figura do mordomo seria sumária às estratégias de vigilância dos alunos internos, sendo aquele que garantia à direção as informações sobre o andamento do internato quanto a adesão dos alunos às disciplinas imposta e quanto à aplicação da administração nos setores que compunham a burocracia de funcionamento.

Os demais nomes que compunham o corpo docente eram clérigos seculares. O Diretor espiritual, padre Carlos Maria Terrier, era francês. Ao deixar o Seminário, entrou para a Cia. de Jesus; foi responsável pela cadeira de Teologia Dogmática, de Exegese e de História Eclesiástica. Foi considerado um homem elevadíssimo, pelos seus conhecimentos, e santo, pela prática do seu ministério em São Paulo.

As características pessoais de cada professor, delineadas nos traços do primeiro corpo docente que assumira a educação do Seminário, elucidam a definição de um sistema pedagógico calcado no exemplo. Eram todos padres que construíam, por intermédio do testemunho, um cenário de elevação espiritual recoberto pela pesquisa e estudos. Tais professores assumiam tanto as disciplinas do Seminário Menor como do Seminário Maior. Cada professor denotava

um tipo psicológico distinto para melhor corresponder com a identidade específica a cada tipo de aluno. Mesmo depois de terem saído do Seminário, a descrição destes professores era utilizada como um elemento pedagógico que aproximava os alunos dos propósitos da instituição. Os professores são apresentados como figuras que expressavam a dedicação aos estudos, divididos em duas grandes categorias de conhecimento: racionais e ou científicos, ligados à Filosofia, e moral e ético ligados à Teologia.

O afastamento dos capuchinhos do Seminário se deu no ano de 1879, no episcopado de dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, considerado responsável pelo segundo impulso episcopal romanizador do catolicismo paulista. Afastamento este que se justificou pelo testamento deixado por dom Antônio, que previa a transferência administrativa e pedagógica no recinto para o clero que ali havia se formado; pelas novas orientações monárquicas que começava a entrar em processo de decadência não sendo inviável sustentar as bases do autoritarismo; e por último pelo fato de estar se agravando no país as tensões entre o clero e as demais instâncias políticas que estavam apoiadas na magistratura. No que tange a orientação pedagógica nada foi mudado pelo corpo docente que assumiu, sendo estes de fato alunos que passaram pelo processo educacional difundido pelos capuchinhos tendo sido assim reprodutores do perfil religioso no qual foram submetidos.

Verifica-se que o ideal aplicado correspondia a primeira fase do Romantismo brasileiro permeado pelos valores que cultuavam a solidão e os lugares bucólicos por onde Deus falaria aos homens (ROMERO, 2001:616-617). Imaginário este, manifesto entre a classe de agricultores emergentes, que guardavam relações de afeto para com a geografia das fazendas onde residia a identidade sócio-cultural familiar.

BIBLIOGRAFIA:

- ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1966.
- BARROS, Roque Spencer M. De. Vida religiosa e A questão religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. O Brasil Monárquico: declínio e queda. São Paulo: Difel, 1985.
- CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- FRANÇA, Pe. Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- HAIDAR, Maria de Lourdes. *O ensino secundário no Brasil Império*. São Paulo: Grijalbo, 1972.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Instituto Braudel Imprensa Oficial, 2005.

CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. *A Igreja na História de São Paulo (1851-1861)* v.7 São Paulo, Instituto Paulista de Arte Religiosa, 1953.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Tomo II. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SANTOS, Suenilde da Costa. *Academia de Direito de São Paulo (1827-1854) e constituição de uma elite nacional: o lugar da língua portuguesa*. São Paulo, 2005. Dissertação de mestrado em Educação (História, Política e Sociedade), PUC-SP, p. 67-68.

TOBAIS, José Antônio. *História da educação brasileira*. São Paulo: Ibrasa, 1936

SOUZA, Ney de (org.). *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)*. São Paulo: Paulinas, 2004,